

# Entobed!

**História e arte de  
Antônio de Castro Junior**

ISBN para a obra impressa  
97865-01-22338-4

# Sumário

<b>Nova Zéza sitiada!</b>	<b>3</b>
Luc Droppo	5
Chuck Jhonson	14
O largo das mariposas	20
Saturnino	23
A ação desastrada de Luc	28
Ameaça colossal	38
Sentando a lenha!	44
A queda de Grayskull	50
Ah, estas mulheres!	57
<b>A investida do gigante metálico!</b>	<b>67</b>
<b>Uma palavrinha</b>	<b>91</b>

# Nova Zéza sitiada!

---

2ª EDIÇÃO

ACJ comics  
Todos os direitos reservados



*Aos habitantes do mundo da lua!*



## Luc Droppo

Os passos são lentos, pesados, arrastam-se pelo asfalto da rodovia como pneus velhos e lutam para equilibrar um corpo maltratado por mais de sete décadas de trabalho duro, suportando a dor de uma realidade cruel.

Mas Lola não parece se importar com sua idade avançada, tão pouco faz questão de relembrar os momentos de prazer e luxúria que protagonizou quando ainda era conhecida como a “depravada da praça central”. Para ela, tudo que importava agora era manter sua disposição para o trabalho, para a vida, e tão importante quanto isto, ajudar sua comunidade a levar a fé e o conhecimento divino para todas as almas desafortunadas de Nova Zéza.

Andava com dificuldade, mas nem por isso deixava de levar consigo os folhetos didáticos da sua igreja, seus santinhos e sua tão solicitada garrafinha de água benta, que geralmente utilizava quando sentia-se convocada para lutar com mais esmero pelo espírito desgraçado de um pobre pecador.

Aquele seria um dia memorável no currículo inquestionável de Lola. Sentia-se forte, invulnerável, capaz de corromper as muralhas sangrentas do ódio e da corrupção com seu olhar cativante, com seu brado de amor! Infiltrar-se-ia no ninho da serpente e plantaria a sementinha da vida!

“Aleluia, irmãos...aleluia...aleluia!”

Caminhava pela estrada deserta que interligava a cidade ao bairro do Caixeta, outrora uma comunidade agrícola densamente povoada e progressista, mas esvaziada pelo descaso do poder público e pela migração desordenada de sua população desesperançosa.

Enfim, um local onde se perambulava por horas sem encontrar uma única casa habitada, por isso, tão logo a justa anciã avistou uma porteira velha precariamente amparada em uma esteio de eucalipto, aproximou-se e olhou com mais atenção. Havia um cartaz fixado à

madeira por dois pares de fita adesiva, cujos garranchos em caneta preta permanente intimidava: “Mantenha-se longe, idiota!”

Do outro lado da porteira, uma estradinha bem pavimentada de cascalho e terra batida levava às duas grandes benfeitorias erguidas num terreiro amplo, aberto numa furna desenhada pelo encontro de três morros concêntricos.

Ignorando a ordem expressa, ela atravessou a porteira e andou até alcançar uma cerca de arames enferrujados, que delimitava a área e ficava a não mais do que trinta metros de seu objetivo. Lola hesitou e olhou atentamente. Do lado esquerdo havia um casarão colonial bem antigo, alto, desbotado, rodeado por uma varanda ampla e arejada, e crivado por enormes janelas de madeira cuidadosamente trabalhadas. Pelo terreiro afora, no meio das ervas daninhas, carrapichos e das touceiras de carqueja, haviam sucatas de carros e caminhões velhos, restos de motores, chassis cortados, e até mesmo a fuselagem de um avião que parecia-se muito com um trimotor JUNKERS. Do lado direito, e mais ao fundo, num local limpo e bem cuidado, via-se um hangar construído com tijolos vermelhos aparentes, sem qualquer abertura visível, além dos tubos de ventilação forçada e o portão de aço retangular que selava o seu interior.

A velha enxerida estava perplexa, por isto observou, estudou qualquer indício de movimentação canina hostil e, assim que se convenceu estar segura, se aproximou da varanda da casa e parou diante da portinhola de entrada, bem ao lado do que sobrara do botão da campainha.

Mostrando-se vaidosa, ela ajeitou sua cabeleira tingida num azul berrante, enxugou a umidade depositada sob os pelos encaracolados de suas axilas, ajustou a costura de seu sutiã para que não resfolegasse em seus enormes mamilos, respirou profundamente e apertou o botão da campainha.

“Bling...Blong”

Esperou por um instante:

“Bling...Blong”

Outra vez e:

“Bling...Blong”

Ouviu-se, então, um urro apavorante:

– Já vai...porra!

“Bling...Blong”

– Se esta porcaria de campainha tocar mais uma vez, vou sair daqui de dentro do jeito que estou, pelado, e vou te esfolar, seu safado sem vergonha!

Coitada da Lola, aquelas palavras agrediram-lhe os tímpanos com violência tal, que numa fração de segundos sentiu que seu coraçõzinho puro pararia de bater, sufocado pela tentação e pela vulgaridade do demônio!

Ousada ao extremo, e impulsionada por um instinto sórdido que julgava não mais possuir, ela insistiu:

“Bling...Blong”

Neste instante, escutou pisadas rudes, seguidas pelo movimento de chaves que rodavam iradas no miolo da porta de entrada da casa.

Súbito a porta se abriu, e do interior do grandioso casarão, surgiu uma figura impagável, que caminhou rudemente pelo tablado da varanda e parou próximo à portinhola, com as mãos apoiadas sobre a cintura e as pernas levemente abertas.

Tratava-se de um homem de cerca de quarenta anos, pele clara queimada pelo sol, cabelos ruivos curtos, bigode bem aparado, e estatura aproximada de um metro e sessenta e ocinco centímetros. Seu rosto possuía linhas de expressão severas, sardas que se concentravam ao redor de um nariz pequeno e largo, e olhos ferozes como os de um cachorro raivoso. Sua musculatura forte e bem definida, tal qual a de um ginasta olímpico, parecia um conjunto de poderosas molas contidas, prontas para explodir num movimento violento e caótico.

Estava nu, mas não parecia se importar com isto.

Seu nome é Luc Droppo.

– Mocreia! – gritou ele – O que você quer?! Quem te deu permissão para invadir meus domínios?

Mas a pobre mulher nada respondeu, estava em estado de choque, vidrada no membro parcialmente teso pendulando a centímetros do seu nariz.

– Vai abrir a matraca, ou vai continuar aí, parada feito um tonel de banha?

– Demônio! – berrou enquanto o suor escorria por suas virilhas – quer me corromper com a sua lança!

– O que?! – respondeu ofendido – Eu ouvi direito?!

Mas aquela provação havia sido demais para Lola. Ela arremessou seu material de trabalho sobre a calçada e saiu em disparada, ignorando as limitações impostas pela idade avançada e pelo peso.

Em poucos segundos, desapareceu.

O rapaz, nitidamente irritado, depositou sua mão direita sobre a nuca, coçou o testículo direito com o dedo mindinho da mão esquerda e resmungou:

– Inferno, por que será que ela ficou tão histérica?

Mas Droppo era um homem muito ocupado e não tinha tempo a perder com as atitudes insanas daquela anciã, por isso, adentrou novamente o seu querido lar, caminhou até seus aposentos e observou o bellissimo carrilhão de ligas de ósmio e fibra de carbono que havia comprado em uma feira de quinquilharias na rodoviária da cidade. Os ponteiros indicavam seis e meia da manhã.

– Droga, estou atrasado! O Chuck tá me esperando na pracinha, tenho que me apressar.

Virou-se para a direita, admirou seus atributos físicos em um espelho fixado ao lado de sua cama e, convencido de sua beleza e virilidade, andou até um armário, destrancou o ferrolho da porta, levou sua mão esquerda até a maçaneta e a abriu lentamente, enquanto seu rosto era tomado por um sorriso sinistro.

Havia, dentro daquele compartimento obscuro, equipamentos militares de última geração, células de combustível, comunicadores via satélite, transmissores digitais de dados, mísseis polivalentes, canhões aceleradores de partículas, entre outras traquitanas. Tudo identificado segundo as normas internacionais de segurança, o que nos garante a pista derradeira para saber quem era aquele homem notável.

Mais do que sua natureza aparentava, Luc Droppo era, de fato, um policial destacado de uma das forças tarefas mais aparelhadas de toda a federação. A FORÇA PÚBLICA do município de Nova Zéza, conhecida territorialmente por sua qualidade humana, disciplina e,

acima de tudo, capacidade para suprimir toda e qualquer ação ofensiva aos direitos dos cidadãos.

– Muito bem – disse enquanto coçava a orelha com a cabeça rastreadora de um míssil terra-terra de curto alcance – está na hora de sair e arrebentar uns focinhos sebosos, he he he!

Sem dúvida, tratava-se de um combatente respeitável, forte e extremamente habilidoso, mas que não parecia trazer em sua formação moral os valores de um homem polido e educado. Ao contrário, desde que ingressou na FORÇA PÚBLICA, há dois anos, demonstrou instabilidade psicológica e uma agressividade quase animal.

Nascido em um pequeno vilarejo a 153 quilômetros de Moscou, Mil Polikarpov, seu verdadeiro nome de batismo, cresceu acreditando na essência comunista da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e nos ideais de seu patrono, o teórico político russo Vladimir Ilitch Ulianov Lênin, que considerava um homem generoso, puro de coração e muito simpático!

Em meados dos anos oitenta, no entanto, Mikhail Gorbatchov, então presidente de um estado falido, obsoleto e fora de moda, resolveu dar início a um processo de transformação político, econômico e social, que propunha reformas democráticas e acenava com a aproximação gradativa aos estados capitalistas ocidentais, algo impensável para aqueles que vivenciaram os “anos dourados da guerra fria”. Tal política, conhecida por Glasnost e Perestroika, foi tema de provas de História e Geografia milhões de vezes ao longo das últimas décadas, e certamente foi responsável pela repetência de incontáveis alunos despreparados e preguiçosos.

Mas este panorama não pareceu agradar ao jovem Mil que, revoltado com o que ele mesmo chamara de “contrarrevolução dos patifes”, resolveu fugir para uma terra onde ainda fosse possível encontrar as teorias de Marx e o pioneirismo de Lênin!

Decidido a buscar uma vida nova, Mil elaborou um plano de fuga extremamente ousado, metódico, que dependeria da ajuda vital de sua namorada, a halterofilista Lisunov Tupolev, e de seu melhor amigo, o açougueiro Frank Sullivan, que iriam levá-lo até a base operacional da VVS, a Força aérea russa, no centro de testes de voo

de Zhukovsky, onde roubaria um transportador militar Antonov AN-22 “Antei” e cruzaria o Globo em direção à Cuba.

Mas as coisas não saíram como o rapaz havia planejado, o Antonov não estava posicionado e abastecido, e por isso, vendo-se abandonado à própria sorte, Mil surruiu o protótipo do caça supersônico avançado Sukhoi Su-27M, mais tarde chamado pelas forças da Otan como Sukhoi Su-35 “SuperFlanker”, preparou-se no hangar, taxiou pela pista e colocou-se na cabeceira, diante da liberdade, chamando a atenção de toda a força bélica, que o intimou a desistir de seus planos.

Apostando sua própria existência, Mil decolou de Zhukovsky sob fogo antiaéreo intenso, no entanto, mesmo transportando todo o lastro possível de combustível e não obtendo condições de voo satisfatórias, o rapaz conseguiu se esgueirar dos ataques de seus compatriotas facilmente, o que, vale lembrar, não seria possível sem as notáveis qualidades aerodinâmicas do conceito de Triplano em tandem, bem como da extraordinária reserva de potência e confiabilidade dos motores “SATURN/LYULKA AL-31F” que equipavam o Su-27M.

Cinco horas depois de ter deixado as fronteiras da URSS, cruzando com os pós combustores fumegando como dragões, os tanques de combustível da aeronave secaram e esta foi obrigada a amerrissar violentamente nas águas pouco amistosas do Oceano Atlântico. Mil sobreviveu à queda, mas como não haviam meios de pedir socorro, nadou incansavelmente na direção Oeste, acreditando que um milagre, operado pelo espírito de seus antepassados siberianos, o faria aportar na América Central.

O pobre rapaz nadou durante dias até alcançar terra firme.

Mas ele não havia chegado em Cuba.

Aportara numa ilha continental localizada no meio do caminho entre a América do sul e a Europa. Um paraíso geográfico crivado de paisagens maravilhosas, riquezas humanas e desenvolvimento de vanguarda.

Uma república próspera e soberana chamada Ilha de São Tonhão.